

## INTRADUZÍVEIS E SEMITRADUZÍVEIS

---

*Custódio Magueijo*

O tradutor, de qualquer língua que seja, encontra sempre problemas mais ou menos graves e mais ou menos difíceis de resolver. Em muitos casos, e após algum tempo de ‘luta’, o tradutor verifica que a sua própria língua é, afinal, muito mais rica do que imaginava. De facto, o acto de traduzir constitui um excelente exercício em ambas as línguas, mas, sobretudo, na língua “de chegada”. Outra vezes, porém, depara com problemas muito difíceis ou *mesmo desesperados*, de várias ordens, que adiante tentarei classificar e tipificar. Em todo o caso, deve desde já dar-se como assumido que o tradutor, além de possuir um profundo conhecimento das duas línguas, conhece também o contexto cultural e civilizacional da língua “de partida”, porquanto, além das dificuldades especificamente linguísticas, outras existem de natureza não linguística, mas cultural, histórica ou até puramente contextual ou ocasional, i. é, referentes a factos bem conhecidos somente dos leitores ou ouvintes da obra original. Geralmente, o tradutor ajuda o leitor fornecendo-lhe preciosas notas de rodapé ou qualquer outra forma de explicação. À falta disso, o interlocutor (ouvinte ou leitor) fica sem entender nada ou sem entender o essencial. Se se trata de traduzir e levar à cena uma comédia (género particularmente dado a jogos de palavras e alusões subtis), é evidente que não se pode interromper a acção, para se dizer ao espectador onde está a graça. Há que ser imaginativo.

Dou um exemplo de frase ocasional, referida a um momento particular da vida estudantil, a propósito da questão das propinas. Lia-se num cartaz: **AS PROPINAS DO SENHOR REITOR**, nítida alusão ao romance de Júlio Dinis *As*

*Pupilas do Senhor Reitor.* Ora, numa tradução para qualquer outra língua, era preciso explicar essa relação (nomeadamente, a relação fonética entre *propinas* e *pupilas*); além disso (questão não menos grave), o termo *Reitor* tem dois sentidos (universitário e eclesiástico), que, pelo menos nas línguas que conheço, obrigaria a tradução diferente.

Em latim, é interessante o jogo de palavras entre *latrare* e *latro*: — *Quid latras?* — *Quod latronem uideo*, que (não por mero acaso!) tem plena correspondência em português: — *Porque ladras?* — *Porque vejo um ladrão*. Noutras línguas, o caso será difícil ou mesmo desesperado.

O ditado *Quem casa quer casa* também não será fácil de verter para outras línguas.

Em tempos (e ainda agora!), entretive-me a achar falsos duplos (meramente fonéticos e morfológicos) de *masculino / feminino*, como, p. ex., “o *Calisto é marido da calista*”, “o *cigarro é marido (!) da cigarra*”, e outros: *vento / venta*, *bico / bica*, *cabeço / cabeça*, *barro / barra*, *cavalo / cavala*, *figo / figa*, etc., etc. É óbvio que eventuais jogos de palavras com estes duplos não teriam, em geral, correspondência noutras línguas.

Dou ainda, nesta apresentação prévia, um exemplo grego muitíssimo interessante:

Certo indivíduo, que tinha dois filhos — Leão e Pantaleão —, redigiu o testamento seguinte (em maiúsculas, sem acentos e sem separação de palavras, como era hábito):

ΕΧΕΤΩΤΑΕΜΑΠΑΝΤΑΛΕΩΝ

É possível entender o texto de duas maneiras, isto é, uma dupla transcrição em minúsculas (cursivas), com acentos e separação de palavras:

Ἐχέτω τὰ ἐμὰ πάντα Λέων: “Que Leão fique com todos os meus bens” e

Ἐχέτω τὰ ἐμὰ Πανταλέων: “Que Pantaleão fique com os meus bens”.

Neste tipo de escrita, o jogo seria impossível, mas também o seria, se a frase fosse pronunciada oralmente, o que, naturalmente, está fora de causa, porquanto, precisamente, o testamento destinava-se a ser *lido* depois da morte do homem. De facto, a primeira versão (aquela que beneficia Leão), tem três acentos de altura: -χέ-, πάν-, Λέ-, enquanto a segunda (que beneficia Pantaleão) tem apenas dois: -χέ-, -λέ-. Quer dizer: na *fala*, haveria, obrigatoriamente, *ou três ou dois* ‘picos’ tónicos, conforme se lesse πάντα Λέων (acentos em πάν- e Λέ-) ou Πανταλέων (um único acento em -λέ).

Neste trabalho, são mencionados exemplos de diversas línguas, mas dá-se uma certa proeminência ao caso das dificuldades da versão do grego para o português, com material tirado sobretudo das *Nuvens* de Aristófanes e do grego moderno. A classificação e a ordenação destes casos nem sempre é fácil, e não será, certamente, completa. Por vezes, um exemplo pode inserir-se em mais que um parágrafo. Mas vejamos alguns casos típicos.

**1. – Características morfológicas (ou fonéticas) específicas e exclusivas da língua “de partida”, não transponíveis para a língua “de chegada”** (os números entre parênteses indicam os versos das *Nuvens*):

Exemplifico com o ditado *O que não mata, engorda*. O problema, para um tradutor de português para outra língua, surge, quando se conta a anedota seguinte:

Há dois suspeitos de assassinio. Um deles é seguramente o culpado, mas não é nada fácil descobrir... a não ser com um expediente: mete-se cada um deles em sua cela durante um certo tempo, passado o qual um dos suspeitos está mais magro, e o outro mais gordo. É este o inocente, pois, como diz o ditado, *o que não mata, engorda*. Naturalmente, joga-se aqui com a possibilidade de, em português, *o que* poder ser entendido como “aquilo que” (sentido do provérbio) ou “aquele que” (sentido da anedota). Como resolver o problema numa tradução para francês, inglês, alemão...?

– ἀλεκτρυών, \*ἀλεκτρύαινα, ἀλέκτωρ (661, ss., 848, ss.). Segundo Sócrates, há uma incongruência no facto de se designar “o galo” e “a galinha” pela mesma palavra, pelo que propõe que ao “galo” se chame ἀλέκτωρ, e à “galinha”... \*ἀλεκτρύαινα, por analogia com λέων / λέαινα, etc. É como se, em port., se propusesse *o galo* e *a \*gala*. Por razões de ordem prática (o que teoricamente até daria muito jeito), não é possível substituir por *avestruz* (masc. e fem.), transformado, respectivamente em (*o*) \**avestruzo* e (*a*) \**avestruza*. Uma solução de recurso (não totalmente satisfatória) é *o \*garniséu* e *a \*garniseia*.

– κάρδοπος, \*καρδόπη (669, ss., 1248, ss). A grande dificuldade está no facto de praticamente não haver palavras portuguesas femininas em *-o* (ao contrário de masculinas em *-a*). Em português, a única palavra possível seria *a tribo*, que, por razões de coerência, deveria (!), de acordo com o género feminino, dizer-se... *a \*triba* (!).

– Ἄμυβια voc. do andrónimo Ἀμυβίας e do ginecónimo Ἄμυβια (666, ss.). Problema intrinsecamente insolúvel. Como se sabe, a adaptação portuguesa dos nomes próprios não leva em consideração as alterações casuais: o nominativo e o vocativo seriam vertidos em port., respectivamente,

por “ó Amínias” (andrónnimo) e “ó Amínia” (ginecónimo). O caso é mesmo desesperado, pelo que todas as soluções revelam o seu quê de artificial. O exemplo português que me ocorreu (com graves inconvenientes!) foi o de “*chega aqui, ó Rosa*”, em que *Rosa* tanto pode ser andrónimo (nome de família) como ginecónimo (nome próprio): *Chega aqui, ó Rosa!* é ambíguo, tal como ὦ Ἀμυνία!

— κρέμαι(ο) (870, 872). Sócrates imita uma particularidade da pronúncia do jovem: maneira ridícula de pronunciar, com os beiços escancarados, mas, de qualquer modo, impossível de precisar e, por isso, de traduzir.

A propósito de dificuldades de natureza morfológica, cabe aqui o provérbio cretense:

— Ο Νάχας και ο Ναύρας ἴσαν(ε) ἀδέρφια lit.<sup>16</sup> “o ‘Quem-me-derater’ e o ‘Quem-me-dera-achar’ eram irmãos”, que comento no parágrafo 6 (Provérbios).

## 2. — Referentes (e respectivas designações) próprios e exclusivos dum país ou região:

O caso que logo me ocorre é o de *sari*, “*espécie de saia usada pelas mulheres indianas*”. Naturalmente, o vocábulo não se traduz: é um *intraduzível*. Em português, há muitos regionalismos que o tradutor estrangeiro terá de deixar como eles são, como, p. ex., *monte* (alentejano), *salioio*, etc.

— *Shell que j’aime* anúncio publicitário, que sugere “*Celle que j’aime*” (com pronúncia da região de Auvergne [*shel*]).

Em grego antigo, podemos citar os seguintes exemplos aristofânicos (*Nuvens*):

— κοππατίας (23) “cavalo marcado com a letra *copa*” (ϙ), “cavalo de marca *copa*”.

— σαμφόρας (122, 1298) “cavalo marcado com a letra *san*” (C), nome dórico (e forma dórica) do *sigma*.

— πολλῶν ταλάντων (471) “balúrdios de dinheiro” (que é um talento, para os modernos?). Também πεντετάλαντος (adj., 758). V. 1065, e tb. 1041.

— ἐκτήκω (772) “derreter” (o texto da acusação). Só uma nota vale ao leitor comum. De facto, o texto da acusação era redigido em tábuas encaixadas.

— ἐμβάς (858) “bota de tipo especial” (típica dos beócios, dos velhos...).

— πλεῖν ἢ μυρίων ἔστ’ ἄξιον στατήρων (1041) “de valor para cima de dez mil estateres”. Para o leitor-espectador moderno, o caso é igual ao dos “talentos”.

– οἱ προτένθαι (1198) “os pré-provadores”, isto é, funcionários que fiscalizavam, com a devida antecedência, a comida destinada às festividades. A adaptação ao port., *protentas*, além de ter... mau aspecto, não adiantaria nada.

### 3. – Jogos de palavras:

#### a) Duas ou mais palavras que “jogam” entre si:

– Ἐἴθ’ ἐξεκόπην πρότερον τὸν ὀφθαλμὸν λίθῳ (24). A forma ἐξεκόπην joga com κοππατίας do verso precedente. Era preciso manter, na tradução, um jogo de palavras mais ou menos equivalente. Diga-se (e isto vale para os jogos de palavras em geral) que, à falta de uma versão exacta, o contexto cónico obriga o tradutor a inventar outros jogos. O autor deste artigo, na sua tradução das *Nuvens*, exagerou nitidamente, no desejo de evitar a ‘famigerada’ nota de rodapé, pois era seu propósito apresentar uma versão directamente representável e imediatamente compreendida por um espectador moderno. Eis a sua versão dos vv. 21-24: “... *Doze minas a Pásias.../ Doze minas a Pásias? Mas de quê? Porque é que lhe pedi emprestado?... / (Pensa) Ah, já sei: foi quando comprei aquele cavalo... o do copa* (Gesto com o dedo, desenhando a letra ϕ).../ *Raios me partam! [Com os copos devia eu estar.] Não ter antes levado uma pedrada num olho...*”.

– βροντή, πορδή (394) “trovão” e... “traque” (em vez do termo vernáculo), para manter a semelhança fonética, que no original também não é muito próxima.

– λέγειν / ἀποστ...ερεῖν (486, 487) “falar” e... “fanar”. Curioso o facto de o actor (Ἔστρεψιάδης) ter de salientar a segunda parte da palavra, ἀποστ... ερεῖν, que é ela que joga com λέγειν.

– τετράμετρον (645) “tetrâmetro”, aqui como equivalente de ἡμικτέον “quartilho”. (v. *infra*, 3b).

#### b) Uma palavra com duas acepções:

– περιφρονῶ e ὑπερφρονῶ (225, 226) “meditar sobre”, “desdenhar de” e “desprezar”, “olhar de cima” (...da burra!).

– Δίνοσ (380.....) jogo de sentidos... a prazo Desfaz-se a confusão só nos vv. 1472-4: afinal, o Turbilhão, o Tornado (Δίνοσ) não passava de um simples vaso, melhor, um certo tipo de vaso (δίνοσ) semelhante a um pião, donde... “*vaso torneado*” (!).

– μέτρα (638, 639) “metros” (do verso) e “medidas”.

– τετράμετρον (645) com o sentido de “tetrâmetro” (métrica) e como equivalente (bem imaginado!) de ἡμικτέον de “quartilho”.

– ἀποστερητικός (728) e ἀποστερητής (730) “arreatador” em dois sentidos.

– λουσόμενος e καταλούει (λούομαι, καταλούομαι) (837, 838). O mesmo verbo (não obstante o segundo ser composto) com duplo sentido: “lavar-se”, “lavar o corpo” e... fig. “lavar”, i. é, ‘limpar’, ‘espoliar’ (do dinheiro, da fortuna), donde a minha versão dos vv. 837-838: “*Lá entre eles... nenhum... vai ao balneário lavar-se, ao passo que tu... não fazes senão lavar-me... [quer dizer...] levar-me o meu dinheirinho.*”

– τοῖς Ἱπποκράτους υἱέσιν (1001) “filhotes” (de pessoa ou... de porco, como a própria palavra sugere, com a respectiva conotação de “estúpido”).

– βλιτομάμμης (1001) Lit.<sup>16</sup> “que espreme mel da mamã”, “que ainda mama na teta”, “menino mimado”... “menino da mamã”.

**c) Palavra inesperada (cóm mais ou menos forte conotação ou denotação da palavra esperada):**

– *Shell que j’aime* – anúncio publicitário, que sugere “*Celle que j’aime*” (com pronúncia da região de Auvergne [shel]). Naturalmente intraduzível.

– *As propinas do Senhor Reitor* – Invenção estudantil, a propósito do problema das propinas, que sugere o título do romance de Júlio Dinis *As Pupilas do Senhor Reitor*. De notar que, além da frase no seu conjunto, o vocábulo *Reitor* tem sentidos diversos, eventualmente impossíveis de verter noutras línguas por uma única palavra.

A propósito, no *Correio da Manhã* de 13.10.98 (Separata “Forum Estudante”, pp. 2-3), lê-se, a toda a largura de duas páginas:

– ENDA’S E... NARRATIVAS, em que ENDA’S é a sigla de “Encontros Nacionais de Direcções Associativas” (?), com uma clara alusão às *Lendas e Narrativas* de Alexandre Herculano. Vá lá um estrangeiro decifrar...

E o mesmo se diga da frase de Sartre *L’ enfer c’ est les autres*, que um escritor grego (Δ. Καλοκύρης, *Η ανακάλυψη της Ομηρικής και άλλες φαντασμαγορίες*, p. 13) traduz jocosamente por *Η Κόλαση είναι οι (γ)άλλοι*, i. é, “*O Inferno são os Galos*” (*os Gauleses, os Franceses*), entendendo-se, simultaneamente, *oi άλλοι* “os outros” e *oi Γάλλοι*, aproveitando o facto de o *gama* ter uma pronúncia muito fricativa, que pode levar à sua eliminação (cf. λέω < λέγω). Decididamente... mais um intraduzível.

– *oi Κορ...ίνιοι* (710) sugerindo *oi κόρπεις* “percevejos”. O actor diz que eles (os percevejos, é claro) “saíram do leito e estão-me mordendo, eles, os... *Cor...ίνιος*. Tradução igualmente impossível, a não ser com um expediente que não tem nada que ver com o estrito original: “*Estou feito: os gajos*

*saíram de dentro do leito e estão-me mordendo... os perce... percebes, n' é?...".* De Coríntios... nada. Também seria preciso notar que, no contexto aristofânico, a referência aos Coríntios era feliz, pois estes como aliados de Esparta, eram, *ipso facto*, inimigos naturais dos Atenenses.

– Σωκράτης ὁ Μήλιος (830). Alusão ao alegado ateísmo de Sócrates, que (como todos os espectadores sabiam) não era natural de Melos, terra de Diágoras, conhecido ateu. Para os espectadores, a expressão soava como “Sócrates, da laia do famigerado ateu Diágoras de Melos”. Um tradução por “Sócrates de... Melo” teria, em português, uma ressonância diferente... Afinal, traduzi (abusivamente?): **FID.** – “*E quem é que diz tal coisa?*” **ESTR.** – “*É Sócrates ateniense... perdão, ateuense*”. De Melos (ou... dos Melos!), nada! Venha quem faça melhor.

– καλλίπυργον (1024) parece sugerir καλλίπυργος, só atestada mais tarde (Cércidas, séc. III a.C.), mas perfeitamente possível de “ouvir”...

– διαλεπτολογούμαι τοῖς δοκοῖς τῆς οἰκίας (1496) “estou a dial..., quer dizer... a dia... subtilizar com os barrotes da casa”. Esperava-se διαλέγομαι “discutir”, mas o Autor intromete-lhe -λεπτο- (ideia de “subtil”), criando uma palavra nova (e efémera!), que, no entanto, os espectadores entendiam imediatamente, com proveito cómico.

#### **d) Palavra forjada:**

– ἐγκεκορδυλημένος (10): Lit.<sup>1c</sup> “*enrolado em forma de bola*”. Palavra forjada por Aristófanes, baseada em κορδύλη, “bossa”, “matulo”, palavra que, por seu lado, não era de uso corrente, mas, em todo o caso, suficientemente conhecida dos espectadores, para poder servir de base ao verbo \*ἐγκορδυλέω e seu extenso e jocoso participio perfeito. Uma versão exacta (!) requeria, em port., uma palavra de base pouco usual e a invenção de um verbo no respectivo participio passivo, talvez “*embolado*”. Eis a minha tradução (demasiado extensa e explicativa) de todo o verso 10: “*ali enrolado em cinco mantas, que mais parece uma bola*”.

– ἐγκεκοισυρωμένη (48): Lit.<sup>1c</sup> “*encesirada*”, que, para um espectador português (ou qualquer outro moderno), não diz absolutamente nada. O processo é em tudo idêntico ao de ἐγκεκορδυλημένος: a palavra baseia-se no ginecónimo Κοισύρα, “Césira”, que devia ser, no momento, um símbolo de elegância e garridice. A tradução possível (sempre no intuito de evitar a nota de rodapé) foi: “*uma bonequinha mais elegante que Césira*”.

– ἵππερόν (74) “cavalite”, palavra (e... doença!) forjada por Aristófanes, por analogia com ἰκτερος “icterícia”, ὕδρεος “hidropisia”, etc.

– φροντιστήριον (94...) “lugar de meditação”. Tanto quanto se sabe, a palavra ocorre pela primeira vez em Aristófanes, mas teve vida longa (gr.

moderno "instituto"...). Para, de algum modo, corresponder à sua ressonância jocosa, mas algo estranha, uma tradução aceitável parece ser "pensadouro", que sugere, p. ex., *bebedouro*, *manjedoura*...

– Ὡ τρισμακάριος τοῦ διεντερεύματος (166) "in...testigador", ou seja, "investigador dos intestinos".

– σφραγιδουναρχοκομήτας (332): A tradução não pode ser senão extensiva: "calões-guedelhudos-que-só-cuidam-de-anéis-e-unhas".

– καταπεφρόντικα (857) "depus para pensar" (o manto). Jogo subtil. Traduzi assim os vv. 856-857: **FID.** – "Então foi por isso que perdeste (ἀπώλεσας) o manto?" / **ESTR.** – "Bem... perder... propriamente não perdi... Digamos antes que o desp..., isto é, que o dis... pensei" (καταπεφρόντικα) (lit.<sup>te</sup> "depus para pensar").

– βλιτομάμμαν (1001) "menino da mamã" ("mel da mamã").

– τριβολεκτράπελα (1003) "monstruosidades-bicudas-como-cardos". Palavra forjada por Aristófanes. Naturalmente, a tradução terá de ser extensiva e explicativa.

– περὶ πραγματίου γλισχραντιλογεξεπιτρίπτου (1004) "por causa dum processozito "que-requer-ronha-lábia-calo" (mais ou menos!). V. nota precedente.

#### 4. – Nomes próprios (topónimos, antropónimos...), etnónimos e similares designativos de qualidades pretensamente atribuídas aos referentes:

Neste Portugal "uno e indivisível", os do Sul e os do Norte chamam uns aos outros, respectivamente e de maneira abusiva e ofensiva, *galegos* e *mouros*. Outros exemplos:

– *amigos de Peniche*; *judeu*, *judiar*, *judiaria*; *somítico* (segundo uns, de *sodomítico*, segundo outros, de *semítico*, mas também é possível que haja aqui um cruzamento; em todo o caso, a ligação popular a *semita* é bem sensível); *rabino*; *sair à francesa* (os franceses dizem... *à l'anglaise*); *galego*; *mouro* (de trabalho).

– Μήλιος, na expressão Σωκράτης ὁ Μήλιος (*Nuvens*, 830) (v. 3c).

– gr. mod. πιλατεύω "atormentar", "torturar" "pilatear" (de Πιλᾶτος).

– gr. ant. Βοιωτός, Βοιώτιος "beócio", mas também fig. "pessoa boçal", "bronco": notar que em port. *beócio* pode ter esse sentido pejorativo... e ofensivo.

– gr. mod. βούλγαρος "búlgaro", mas também, em sent. pejorativo "jogador ou adepto duma equipa de Tessalónica" (esp.<sup>te</sup> do P.A.O.K.), cf. port. *tripeiro* "natural do Porto". De notar que βούλγαρος também se usou (ainda se usa!) para designar pejorativa e ofensivamente "comunista".



– Φιλιπινέζα (mulher) “filipina”, e, em sentido mais restrito e corrente, “criada”, “mulher a dias” (não só filipina...), mas também com o sentido de “criada para todo o serviço”, “escrava”.

### 5. – Nomes próprios tomados em sentido etimológico ou comum, ou forjados para significarem ou sugerirem algo:

É um processo verificável em todas as línguas. Um caso curioso é o da comédia de Óscar Wilde *The Importance of Being Earnest*, título que foi traduzido por “*A Importância de se Chamar Ernesto*” ou “*A Importância de Ser Sério*”, o primeiro dos quais não leva em consideração o jogo de sentidos em inglês – *Ernest* “Ernesto” e *earnest* “sério”, “sincero”, ambos pronunciados [ˈɜːnist] –, ao contrário do segundo, que aproveita o facto de existir em português o andrónimo *Sério*, tirado precisamente do adjectivo *sério*. No decorrer da acção, surge o jogo de sentidos baseado nesta ambiguidade. Importa ainda salientar que nos vale aqui a possibilidade de escrever os títulos com iniciais maiúsculas (regra usual em português e em inglês).

– Στρεψιάδης: “Que anda às voltas” (na carne e na vida, preocupado com as dívidas...). O espectador das *Nuvens* ligava logo o andrónimo a στρέφομαι. Em port., temos a anedota (creio que pouco conhecida) do *Chico-Pião*, assim apelidado no reino dos Céus, porque, cada vez que a mulher, “cá em baixo”, se portava mal, ele rodopiava...

– Φειδωνίδης: “Roupador”, “Económico” (φείδομαι).

– Φειδιππίδης: Associação de φειδ- (“roupar”) e ίππ- (“cavalo”). Como se sabe, foi a solução de mútua cedência na escolha do nome do filho de Estrepsíades. O hibridismo é óbvio para os espectadores, sobretudo depois da explicação dada pelo próprio Estrepsíades.

– Δικαιοπόλις: Como palavra comum (mas poética e de uso raro), significa “cuja cidade pratica a justiça”, mas aqui, como andrónimo, “pessoa que quer justiça na cidade”, “justo cidadão”... Em port., há o andrónimo *Justo*, que não tem todo o alcance do grego. Uma solução (que agora me ocorre, mas não muito feliz) seria *Justurbano* (!) de *Justo* e *Urbano*. De qualquer forma, a tradução etimológica de nomes próprios dá geralmente mau resultado, pelo que só deve ser aceite caso a caso.

– κοππατίας (23): “cavalo marcado com a letra *copa*” (ϙ), que traduzi por “cavalo de marca *copa*”. Seria preciso explicar que esta marca (como as de certos automóveis modernos) gozava de grande prestígio.

– Κωλιάδος, Γενετυλλίδος (52): epítetos de Afrodite, de sentido sexual.

– άγορητής (1057): “agoreta”, que não informa de nada. Traduzi por “tribuno”. Eis a minha tradução dos vv. 1056-1057: “*De facto, se isso fosse*

*mau, certamente que Homero nunca chamaria 'agoreta' ou 'tribuno' a Nestor e a todos os letrados em geral."*

– ὁ παμβασιλει' Ἀπαιόλη: (1150) "Ὁ omnipotente Vigário!". Como Estrepsíades já havia chamado a Sócrates "sacerdote de banalidades subtilíssimas", entendi traduzir, aqui, Ἀπαιόλη (cf. subst. ἀπαιόλη "fraude", "vigarrice") por "Vigário".

– τὸν Κριὸν ὡς ἐπέχθη: (1356). Traduzindo por *Crio* ("Carneiro"), há que acrescentar uma nota. Traduzi por "*Crio, o Carneiro, foi tosquiado*".

## 6. – Provérbios – Começo por um saboroso provérbio cretense:

– Ο Νάχας και ο Ναύρας ήσαν(ε) αδέρφια que, traduzido (mais ou menos...) à letra, quer dizer: "o 'Oxalá-eu-tivesse' ('Quem-me-dera-ter') e o 'Oxalá-eu-achasse' ('Quem-me-dera-achar') eram irmãos". As palavras (só usadas neste provérbio) νάχας e ναύρας são formadas, respectivamente, das expressões να είχα (να έχω) "oxalá eu tivesse" ("eu tenha") e να βρισκα (να εύρω) "oxalá eu achasse" ("eu ache"); o facto de serem tomados com o sentido de andrónimo obriga a introduzir o -s final (cf. ο Καναδάς "o Canadá", ο καφές "o café", etc.). Em português, há exemplos de formas verbais substantivadas, p. ex.: *mais vale um 'toma' que dois 'te darei'*, aqui aduzido a título morfológico, pois o sentido é diferente (ainda que não muito) do provérbio cretense, que significa: "só o desejo não basta: é preciso passar à acção, é preciso esforço...". Em port., alguns provérbios têm um sentido e um alcance próximos deste, mas a correspondência não é perfeita. P. ex.: *Fia-te na Virgem e não corras...*, ou *de boas intenções está o Inferno cheio*.

Na sua maioria, porém, os provérbios têm uma expressão própria em cada língua, e não é essencial (nem recomendável) traduzi-los à letra, uma vez que o seu alcance vai muito para além do sentido estritamente linguístico. P. ex.: *Qui va à la chasse perd sa place*, provérbio francês, em que a rima é importante. Em port., para se manter a rima, mas sem se perder o alcance geral, diz-se "*Quem vai ao mar perde o lugar*", "quem abandona um lugar, perde-lhe o direito".

Certos provérbios têm correspondência exacta noutras línguas, por vezes pelo simples facto de todas elas terem ido buscá-lo à língua em que ele foi criado. P. ex.: *Time is money* "*Tempo é dinheiro*".

Começo por uma pequena lista de provérbios que ocorrem em *O Bibliómano Ignorante* de Luciano (entre parênteses, indico o passo respectivo):

– Πίθηκος ὁ πίθηκος (4) lit.<sup>te</sup> "*Um macaco é [sempre] um macaco*". Em português, há diversos provérbios mais ou menos equivalentes: "*O que o*

berço dá, a tumba o leva"; "Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita"; "Burro velho não aprende linguagem".

– Ὄνος λύρας ἀκούεις κινῶν τὰ ὦτα (4) lit.<sup>le</sup> "(Como) um burro, escutas uma lira, arrebitando as orelhas". Ou seja, "Dar pérolas a porcos".

– Τί κυλὶ καὶ βαλανεῖω; (5) lit.<sup>le</sup> "Que há de comum entre um cão e um balneário?". Um provérbio português aproximado seria "Que tem o cu a ver com as calças?".

– Θάττων ἂν πέντε ἐλέφαντας ὑπὸ μάλης κρύψειας, ἢ ἓνα κίναιδον (23) lit.<sup>le</sup> "Mais depressa (= mais facilmente) esconderias cinco elefantes debaixo do sovaco, do que um debochado". Em português (sempre de modo aproximado) temos: "Mais depressa se apanha um mentiroso, que um coxo".

– Οὐδὲ κύων ἄπαξ παύσαιτ' ἂν σκυτοφαγεῖν μαθοῦσα (25) lit.<sup>le</sup> "O cão, uma vez ensinado a roer couro, nunca mais se desabitua". Ou seja: "O hábito é uma segunda natureza".

– Αἰθίοπα σμήχειν ἐπιχειρῶ (28) lit.<sup>le</sup> "Estou tentando branquear um etíope", que corresponde ao port. "É malhar em ferro frio".

– Τὸ τῆς κυνὸς ποιεῖς τῆς ἐν τῇ φάτνῃ κατακειμένης, ἢ οὔτε αὐτῆ τῶν κριθῶν ἐσθίει οὔτε τῷ ἵππῳ δυναμένῳ φαγεῖν ἐπιτρέπει (30) lit.<sup>le</sup> "Procedes como o cão na manjedoura, que nem ele come cevada, nem deixa comer o cavalo, que podia fazê-lo". Mais simplesmente, "Não faz nem deixa fazer".

Ainda em Luciano (*O Mentiroso* ou *O Incrédulo*, 9), lemos o seguinte ditado:

– ἦλω ἐκκρούσεις τὸν ἦλον "Estás a tirar um prego com outro prego". O ditado dá uma imagem literalmente muito risível: em vez de arrancar o prego com o instrumento apropriado, prefere-se fazê-lo sair pelo outro lado, martelando num segundo prego... que, por sua vez, fica dentro da madeira! Claro que – como sucede com todos os ditados ou provérbios – este tem um sentido mais geral, por extensão do significado estritamente linguístico. Não sei que correspondência poderá ter no nosso "corpo proverbial"... Talvez (?) "É pior a emenda que o soneto".

Eis agora alguns provérbios neo-helénicos:

– Δεν υπάρχει ρόδο χωρίς αγκάθι "Não há rosa sem espinhos".

– Δεν υπάρχει καπνός χωρίς φωτιά "Não há fumo sem fogo".

– Πες μου με ποιον πας, να σου πω ποιος είσαι "Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és".

– Ότι λάμπει δεν είναι χρυσός "Nem tudo o que luz é ouro":

– Ένα χελιδόνη καλοκαίρι δεν κάνει, ούτε μια μέλισσα μέλι "Uma só andorinha não faz a Primavera, nem uma só abelha mel", vertido (com acrescento) do gr. antigo:

— Μία χειλιδών ἔαρ οὐ ποιεῖ *"Uma só andorinha não faz a Primavera"*.

Muitos provérbios são tão específicos de um povo e de uma língua, que não têm correspondência noutras línguas. Eis mais alguns exemplos de provérbios neo-helénicos:

— Εγώ το λέω του σκύλου μου, κι ο σκύλος στην ουρά του — Lit.<sup>16</sup> *"Eu digo ao meu cão, e o cão (diz) ao rabo"*, i. é, *"sacudir a água do capote"*, *"passar as responsabilidades de uns para outros"*.

— Για χάρη του βασιλικού ποτίζεται και η γλάστρα — Lit.<sup>16</sup> *"Por amor do manjerico, rega-se também o vaso"*. Diz-se do pretendente que faz por agradar à mãe da rapariga. Talvez corresponda, mas não totalmente, a *"Quem meus filhos beija, minha boca adoça"*.

— Από το κεφάλι βρωμά το ψάρι — Lit.<sup>16</sup> *"Pela cabeça cheira mal o peixe"*, provérbio enganador (traíçoeiro), que não tem que ver com o provérbio *"Pela boca morre o peixe"*, mas sim com *"O exemplo vem do alto"* (*Quando os grandes se portam mal, os pequenos seguem-lhes o exemplo*).

— Αρνί που βλέπει ο Θεός, ο λύκος δεν το τρώει — Lit.<sup>16</sup> *"Cordeiro que Deus vê, o lobo não o come"*, i. é, *"Quem tem padrinhos não morre mouro"*.

— Όποιος ανακατεύεται με τα πίτουρα, τον τρων οι κότες — Lit.<sup>16</sup> *"Quem se mistura com o farelo, as galinhas o comem"*, i. é, *"Quem não quer ser lobo, não lhe veste a pele"*.

— Μ' ένα σμπάρο δυο τρυγόνια — Lit.<sup>16</sup> *"Com um só tiro, duas rolas"*, i. é, *"Matar dois coelhos de uma só cajadada"*.

— Έφαγες το μέλι, πρε και το ξίδι — Lit.<sup>16</sup> *"Comeste o mel, bebe também o vinagre"*, i. é, *"Quem comeu a carne, que roa os ossos"*, ou *"Quem comeu as sopas, que beba o caldo"*.

— Όσοι φορούν μαχαίρι δεν είν' όλοι μαγέροι — Lit.<sup>16</sup> *"Quantos usam faca, não são todos cozinheiros"*, i. é, *"As aparências iludem"*.

— Φασούλι το φασούλι γεμίζει το σακούλι — Lit.<sup>16</sup> *"Feijão a feijão, enche o saco"*, i. é, *"Grão a grão, enche a galinha o papo"*.

— Όποιος έχει τα γένια, έχει και τα χτένια — Lit.<sup>16</sup> *"Quem tem barbas, tem também pente [para penteá-las]"*, i. é, *"Quem não tem pano, não arma tenda"*.

— Καθαρός ουρανός αστραπές δε φοβάται — Lit.<sup>16</sup> *"Céu limpo não teme raios"*, i. é, *"Quem não deve não teme"*.

— Όποιος βιάζεται, σκοντάφτει — Lit.<sup>16</sup> *"Quem tem pressa, tropeça"*, i. é, *"As gatas (ou: as cadelas) apressadas parem os gatinhos (cãezinhos) cegos"*.

– Όποιος κυνηγά πολλούς λαγούς, κανένα δεν κυνηγά – Lit.<sup>te</sup> “*Quem caça (persegue) muitas lebres, não caça nenhuma*”, i. é, “*Quem tudo quer, tudo perde*”, ou “*Quem muito abarca, pouco abraça*”.

O folclore cretense é riquíssimo em provérbios, que até ganham em sabor quando expressos neste dialecto. Dou apenas alguns exemplos:

– Άι Γιώγι βουήθα με, μα σ'ε (= σείε) και συ τα πόδια σου – Lit.<sup>te</sup> “*São Jorge, ajuda-me, mas tu também mexe os pés*”, que corresponde ao port. “*Fia-te na Virgem e não corras...*” e ao provérbio grego antigo Σὺν Ἀθηνῶ καὶ χεῖρα κίνει Lit.<sup>te</sup> “*Com Atena, mas move a mão*”.

– Ἴσαμε να σεί' αέρας τη τρίχα (= την τρίχα) μου – “*Enquanto o vento agitar os meus cabelos*”, i. é, “*Enquanto eu viver*”.

– Όσα απ' ανέμου ήρθανε, πάλι απ' ανέμου πάνε – Lit.<sup>te</sup> “*O que veio com o vento, com o vento vai*”, i. é, “*água o deu, água o levou*”.

– Στην ανυδριά καλό' ν' (= καλό είναι) και το χαλάζι – Lit.<sup>te</sup> “*na seca* (i. é, “*à falta de chuva*”), *até o granizo é bom*”, i. é (mais ou menos!), “*Quem não tem cão, caça com gato*”, ou “*A cavalo dado não se olha a dente*”.

– Ο κάθε εις με τ' ανύχια δου (= του) ξέται – “*Cada um coça-se com as suas unhas*”, i. é, “*Cada um por si faz vasa*”, ou “*Cada um puxa a brasa à sua sardinha*”.

– Από γενεάς πάει το βασιλίκι – Lit.<sup>te</sup> “*de raça (descendência, linhagem) sai a realeza*”, i. é, “*quem sai aos seus não degenera*”.

– Του κόσμου έπαιρνε βουλή, κι απ' τη δική σου μην εβγής – Lit.<sup>te</sup> “*Toma (ouve) o conselho do povo, e (mas) do teu próprio não saias*”, i. é, “*Todos os conselhos ouvirás, mas só o teu seguirás* (ou: ... *só o teu não deixarás*)”.

– Πώμα (= είπωμα) και κάμωμα – “*Dito e feito*”, gr. ant. “*Άμ' έπος άμ' έργον*”.

– Εγυτής (= εγγυητής) και πλερωτής – Lit.<sup>te</sup> “*Fiador, pagador*”, i. é (mais ou menos!), “*Quem empresta, não melhora*”.

– Ο γάιδaros έλεγε το βετεινό (= τον πετεινό) κεφαλάρο – Lit.<sup>te</sup> “*o burro chamava cabeçudo ao galo*”, i. é, “*vês os defeitos dos outros, mas não vês os teus*”, ou ο bíblico “*vês o argueiro nos olhos do teu vizinho, mas não vês a trave nos teus*”.

– Ό,τι κάνει ο κόσμος όλος, κάνει κι ο κοσμάς – Lit.<sup>te</sup> “*O que todo o povo faz, faz também o popular*” (“... *o particular*”), i. é, “*Na terra do bom viver, faz como vires fazer*”.

– Κατά 'που σου παίζουνε τη λύρα, χόρευ(γ)ε – “*Conforme te tocam a lira, (assim) dança*”. i. é, “*Dançar conforme a música*”.

– Απού (= όπου, όποιος "quem", "todo aquele que") 'χει μαχαίρι τρώει πεπόνι – Lit.<sup>te</sup> "*Quem tem faca (é que) come melão*", i. é, "*Quem tem unhas é que toca viola*" ou "*Quem tem força é que levanta peso*".

– Του φρόνιμου αναχάραζε, του κουζουλού ξεστήχα – Lit.<sup>te</sup> "*Ao esperto 'rumina'* (i. é, fig. "*fala por meias palavras*"), *ao estúpido explica*", i. é, "*A bom entendor, meia palavra basta*".

**7. – Frases idiomáticas** – Tal como sucede com os provérbios, cada língua tem as suas frases idiomáticas, que, geralmente, revestem uma forma linguística diferente de língua para língua, pelo que não são traduzíveis à letra, mas, geralmente, têm um correspondente. Alguns exemplos:

– *A little bird told me a story* – Idiomatismo inglês, que muitas vezes se traduz literalmente (e sem necessidade) por "*Um passarinho contou-me uma história*". Em port. diz-se "*Tenho um dedo que adivinha*".

– gr. ant.: εἰς κόρακας – Lit.<sup>te</sup> "*(Vai) para os corvos*", i. é, "*(Vai) para o diabo (que te carregue)*", *Vai para o raio que te parta*". Em grego moderno, a expressão continua a ser utilizada: (άντε) στον κόρακα! Lit.<sup>te</sup> "*(vai) para o corvo*", = (πήγαινε) στον διάβολο! "*(vai) para o diabo*".

– καλὸς κάγαθός – Lit.<sup>te</sup> "*belo e bom*", significa o ideal de perfeição do homem grego. Na verdade, é difícil de traduzir. O latim *mens sana in corpore sano* corresponde, de algum modo, à expressão grega.

## 8. – Varia:

– EOK και NATO το ίδιο συνδικάτο – Lit.<sup>te</sup> "*CEE e NATO, o mesmo sindicato*". Notar que *sindicato* tem o sentido original de "associação de capitalistas...", e aqui, em sentido pejorativo, "associação de malfeitores" (cf. "sindicato do crime"), "corja"... Em port., *sindicato* tem actualmente o sentido, mais restrito, de "associação de trabalhadores", "associação de classe". Assim, no contexto, significa "a mesma cambada". Difícil de traduzir mantendo a rima. Em português, há um dito saboroso: "*Corvos e gralhas, é tudo a mesma canalha*".

Termino com um exemplo de formação ocasional, que não vem (nem virá!) em qualquer dicionário (por razões que se deduzirão facilmente).

A publicação do dicionário do Prof. Babiniótis (e seus colaboradores), Λεξικό της νέας ελληνικής γλώσσας (Atenas, 1998) suscitou uma polémica como há muito não se via, na qual se meteram factores de natureza política e ideológica, que não cabe aqui esmiuçar. O jornal Ποντίκι, na sua edição de 28 de Maio de 1998, contém um longo artigo intitulado, a duas

páginas (6-7), “Um dicionário cheio de erros em relação à Esquerda”. A certa altura (p. 7), concretamente a propósito do lema βούλγαρος (v. 4), o autor do artigo refere-se ao autor do dicionário e seus colaboradores como τον Μπαμπινιώτη και τα... μπαμπινιωτάκια του, “Babiniótis e os seus... *babi-biotezinhos*” (as reticências são originais!), que, em português, soa (mas só isso!) a “Babiniótis e seus... *bambinos*”, mas que, naturalmente, seria abusivo traduzir desse modo. Trata-se de uma formação ocasional, como tantas outras que surgem todos os dias (os diminutivos – muitas vezes depreciativos – em -άκι são de formação quase livre e espontânea: αυτοκινητάκι “carripana”...). Dando um exemplo possível em português, imagine-se que nos referíamos a um Prof. Pinto e seus discípulos e colaboradores como “*Pinto e seus... pintainhos*”! Neste caso, toma-se o nome próprio *também* na acepção comum (“pinto”). No exemplo grego, não há conotação etimológica, mas o leitor compreende e entende perfeitamente a intenção. De toda a maneira, quando se joga com o nome de uma pessoa, o caso pode assumir aspectos menos elegantes, relacionados com o espírito de polémica e a belicosidade do atacante.

Não admira que seja nos domínios da comédia, da sátira, da anedota, da polémica (e... da poesia) que se encontram os exemplos mais abundantes e mais difíceis de verter, pois é aí que o “produtor” sente mais necessidade de “castigar” a língua (e não só!). Daí o provérbio neo-helénico, com que termino de vez: Η γλώσσα κόκκαλα δεν έχει, και κόκκαλα τσακίζει Lit.<sup>10</sup> “*A língua não tem osso(s), mas quebra ossos*”. Fico a pensar se existe, em português, algum provérbio correspondente.